

## MUSEU, CULTURA MATERIAL E GRAVURA RUPESTRE: A CONSTRUÇÃO DA PAISAGEM NO UNIVERSO DAS COISAS POLIDAS\*

Marcélia Marques\*\*  
César Ulisses Veríssimo\*\*\*  
Jefferson Lima dos Santos\*\*\*\*



**Resumo:** este estudo foi realizado na Serra Azul, localizada no município de Ibaretama, no Estado do Ceará, Nordeste do Brasil. As principais reflexões estão voltadas para a tecnologia do polimento que perpassa um sítio de gravura rupestre, a cultura material de artefatos polidos de um museu localizado nesta região e ainda, pilões fixos e polidores elaborados em afloramentos rochosos da serra supramencionada. A paisagem deste modo, tem sua memória na cultura material proveniente dessa zona da serra, a qual sempre é remetida como fonte. As práticas sociais que agiram na elaboração da gravura rupestre podem estar demarcadas no período de contato ao se interrelacionar dados etno-históricos. Os polidores e pilões fixos, juntamente com a técnica de gravar são perpassados pela técnica do polimento, imprimindo uma paisagem relacionada com o saber técnico.

**Palavras-chave:** Arte Rupestre. Cultura Material. Polimento. Paisagem. Sítio Pedra do Sol. Ibaretama CE.

MUSEUM, MATERIAL CULTURE AND ROCK ENGRAVING:  
THE CONSTRUCTION OF THE LANDSCAPE IN THE UNIVERSE  
OF POLISHED THINGS

**Abstract:** this study was carried out in Serra Azul, located in the municipality of Ibaretama, in the State of Ceará, Northeastern Brazil. The main reflections are focused on the polishing technology that permeates a rock engraving site, the material culture of polished artifacts of a museum located in this region and also, fixed pylons and polishes elaborated on rocky outcrops of the above-mentioned saw. The landscape in this way has its memory in the material culture coming from this area of the moun-

\* Recebido em: 21.04.2020. Aprovado em: 01.07.2020.

\*\* Universidade Estadual do Ceará (UECE); Núcleo de Arqueologia e Semiótica do Ceará (NARSE).  
*E-mail:* marcelia.marques@uece.br.

\*\*\* Universidade Federal do Ceará (UFC); Departamento de Geologia. *E-mail:* verissimo@ufc.br.

\*\*\*\* Universidade Federal do Ceará (UFC). Bolsista DTI-C /CNPq - LAGETEC.  
*E-mail:* jeffgeologia@gmail.com.



tain, which is always sent as a source. The social practices that acted in the elaboration of rock engraving may be demarcated in the contact period when interrelating ethno-historical data. The polishes and fixed pylons, together with the technique of engraving are permeated by the polishing technique, printing a landscape related to technical knowledge.

**Keywords:** Rock Art. Material Culture. Polishing landscape. Site Pedra do Sol. Ibaretama-CE.

A distinção entre natureza e cultura demarcada no estruturalismo, em polos de oposição binária, vem sendo motivo de crítica segundo uma visão ontológica que desconstrói tal polarização (HOLBRAAD; PEDERSEN, 2017). A concepção que considera que o cultural é decorrente de uma natureza transformada, segundo preceitos cognitivos do sujeito que age para a formação dos registros pretéritos, remete ainda a uma diferenciação em que a natureza precede ao estado de cultura. No entanto, o sujeito da ação que imprime as transformações, que constrói os contextos de significação, em algumas circunstâncias não estabelece qualquer distinção entre natureza e cultura. Descola, neste sentido, alude a organização de grupos totêmicos entre os aborígenes australianos, onde os seres humanos, plantas, animais e rochas estão integrados e pertencem a uma mesma espécie. Deste modo, algumas qualidades morais e físicas são aplicadas aos membros de uma mesma classe totêmica, tanto de humanos como de não humanos (DESCOLA, 2016). Uma cosmovisão que aponta para uma interação, e ao mesmo tempo para registros/marcadores culturais no plano da natureza, que deste modo é percebida em transformação conjunta, indissociavelmente. Em sociedades de pequena escala, naquelas em que está presente o pensamento anímico, os seres naturais são dotados de qualidades humanas onde ocorre ambiguidade nos planos da natureza e cultura (TILLEY; HAMILTON, 2007).

Dicotomia ainda, por vezes, considerada aparentemente intrínseca ao mundo da natureza é apontada por Ingold, em que esse mundo é marcado pelo que está lá fora, enquanto que o mundo vivido aqui é uma zona de intersubjetividade permeado de representações mentais. Nessa construção da natureza entre algo real e mental, entre material e ideal são erigidas construções dicotômicas. Esses dualismos extremos distanciam e inibem a percepção das interrelações da construção da paisagem enquanto um mundo “de dentro”, conhecido pelos que são seus habitantes e que conhecem lugares e se deslocam pelos caminhos que se interconectam (INGOLD, 2000). A premissa dicotômica, criticada por Ingold como presumidamente intrínseca a natureza, na medida em que esta estivesse associada a noção de paisagem, dificultaria a percepção da integração ente os seres humanos e a paisagem, no registro e no testemunho de vivências que se afirmam desde gerações passadas. Vale notar esta continuidade da paisagem no tempo e as interações que a constroem. O humano age no tempo e a paisagem também se transforma no tempo.

No estudo aqui proposto, consideramos a contínua transformação da paisagem, nos termos das ações registradas no ambiente físico pelas práticas sociais que, ao mesmo tempo, interagem com a memória reavivada na cultura material, com os elementos simbólicos e cronológicos demarcados em dados etnohistóricos.

## CULTURA MATERIAL: A MEMÓRIA DA PAISAGEM NOS ARTEFATOS POLIDOS

Em meio a uma zona relativamente plana do Sertão Central do Ceará, emerge a Serra Azul, no município de Ibaretama com aproximadamente 10 km de extensão na direção NE-SW e ponto culminante situado a cerca de 750 m de altitude (Figuras 1 e 2).

A serra Azul é um maciço residual formado pela dissecação diferencial de corpo granítico intrusivo nos ortognaisses do Complexo São José do Macacoca e Cipó, representando o divisor de águas entre as bacias hidrográficas do rio Piranji e do rio Sitiá.

O granito Serra Azul, conforme denominação dada por Braga *et al.* (1984), possui coloração rosada a amarelada e uma textura fanerítica a porfirítica, com cristais grandes e visíveis a olho nú em matriz de granulação grossa. Na meia encosta leste da serra, são frequentes blocos rolados de dimensões métricas. Em sua porção inferior, na localidade de Oiticica, as rochas encontram-se milonitizadas e



catacladas, como efeito da atuação da zona de cisalhamento Senador Pompeu (ZCSP). Os aspectos de campo sugerem um alojamento em nível crustal mais raso por falhamento e uma idade ligeiramente mais nova que a do Monzonito Quixadá (COSTA; PALHETA, 2017), para o qual existem idades de  $585 \pm 5$  Ma (U/Pb em zircão) e  $597 \pm 4$  Ma (Pb/Pb evaporação) (NOGUEIRA, 2004).

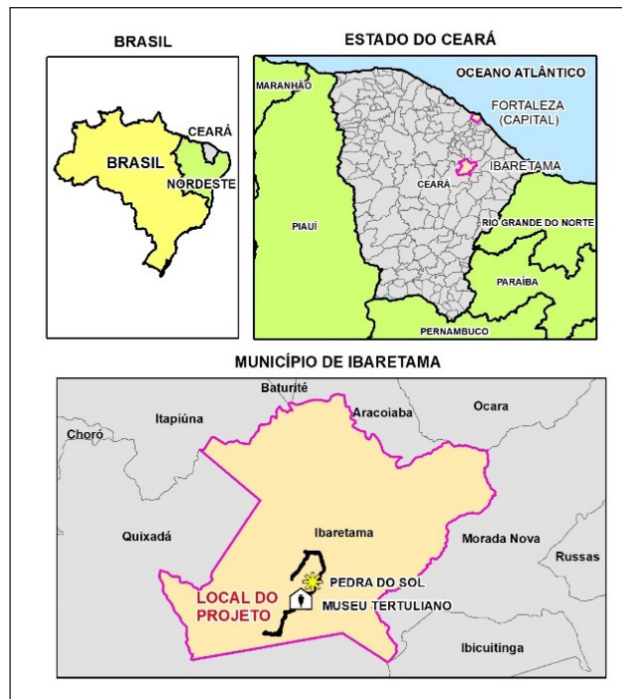


Figura 1: Localização da área de pesquisa no contexto do Estado do Ceará e do município de Ibaretama. Na porção inferior da figura encontra-se delimitado em vermelho o contorno da Serra Azul e a localização aproximada do museu Tertuliano de Melo e da Pedra do Sol.



Figura 2: Museu Tertuliano de Melo e vista parcial da Serra Azul no município de Ibaretama, CE.

Alguns povoados, no sopé da serra, dão mostras da dinâmica de povoamento dessa serra, tais como os distritos de Oiticica, Coité e Pedra e Cal. Alguns habitantes, mesmo considerando a meia vertente da serra como área relativamente inóspita, devido a altitude que dificulta os deslocamentos, preferem viver nas partes mais altas. Há algumas nascentes, e este fenômeno, de certo modo, facilita melhores condições de vivências nos períodos mais secos. Há de se considerar que também em tempos pretéritos, as nascentes deviam se constituir como fonte de atratividade para estes lugares na paisagem.

Nosso conhecimento da Serra Azul se deu, primeiramente, pela cultura material do Museu Tertuliano de Melo, localizado no povoado de Coité (Figura 1). Desse modo, artefatos que foram localizados de modo disperso na paisagem, no presente, vem constituir uma narrativa museográfica. Esses objetos são elementos deslocados da paisagem, e que, ao mesmo tempo, remetem a uma presença pretérita na paisagem da Serra Azul, estando agora, contextualizados nas vitrines do museu. O diretor da instituição supramencionada, o Sr. Neto Melo, nos afirmou que todos os artefatos são provenientes da região. Não se conhecem os contextos específicos ou a proveniência de todos os achados, e, no entanto, haviam referências na ordem da materialidade cultural que os reportavam, segundo a predominância de artefatos polidos, para um período pré-colonial ou ainda de contato (MARQUES, 2019). Essas coleções locais exercem uma importância no reconhecimento de contextos como o da Serra Azul, na medida em que se tratam de objetos achados na região. Desse modo, nos dão pistas prospectivas para novos achados ou mesmo para a recontextualização de alguns artefatos quando da ampliação de algumas áreas.

No que confere à paisagem, apesar dos lugares não estarem assinalados de acordo com o local do abandono dos artefatos, a amplitude regional proporciona o potencial de conhecimento da materialidade dos artefatos em suas condições técnicas e de composições mineralógicas numa perspectiva regional. Identificadas as composições mineralógicas, é passível de se fazer correlação com a carta geológica regional, para se identificar prováveis fontes de proveniência na paisagem. E deste modo, se remete ao conhecimento das populações pré-coloniais ou de contato que extraíram a rocha, de um lugar conhecido na paisagem e que, culturalmente, a tornaram um artefato polido. Isso apenas a título de exemplo específico, na medida em que o conhecimento do ambiente se dava por caminhos percorridos até os lugares preferenciais de extração, e por outras ações decorrentes de tais formas de conhecimento e registros na paisagem.

A cultura material de artefatos polidos depositados em contexto museológico se apresenta como uma *malha entrelaçadas em expansão*, segundo uma adjetivação de Ingold para o universo das coisas (INGOLD, 2012), onde perdura a representação de elementos outrora situados na paisagem, e que, no atual contexto, se expande nas coisas contidas na memória desse passado. Haveria assim uma reconstrução da paisagem pela cultura material em contexto museológico? Na Serra Azul, enquanto um lugar, estariam os objetos apontando para uma paisagem regional? Os artefatos são passíveis de conterem uma memória geológica que poderá ser acessada pelo conhecimento da própria constituição material do objeto quando identificada a proveniência no ambiente. Outra memória passível de ser acessada se dá pela narrativa da itinerância do objeto, no plano sócio-cultural. Não se pode adotar uma perspectiva de ecologia humana, na expansão da paisagem, em meio a vestígios descontextualizados, contrariamente aos identificados no marco de um sítio arqueológico. Pois, para tanto, se faz necessário considerar as trocas entre o ambiente e os seres ao se considerar um lugar como um ecossistema (LOZNY, 2000). E os artefatos museológicos estão destituídos dessas interligações.

De que maneira correlacionar o acervo de artefatos polidos com outros marcadores culturais pré-coloniais, contextos, lugares da Serra Azul? O conhecimento técnico, a partir do inventário que realizamos no acervo do Museu Tertuliano de Melo, nos revelou que este é composto por machados, pilões, mãos de pilão, percutores, cavadores, quebra-coco, calibradores e outros, tendo como funções principais cortar, pilar, polir, bater e macerar. Atributos estes correlacionados a sociedades agrícolas. Deste modo estávamos diante de uma coleção arqueológica formada por artefatos polidos que guardavam representações signílicas na direção de sociedades de agricultores, pré-coloniais ou quando do contato com os colonizadores.

Estes indícios já faziam parte da paisagem, pois os signos-objetos eram provenientes de lá, e o nosso próximo reconhecimento foi a realização de prospecção na Serra Azul. Logo no início dos



trabalhos de campo nos deparamos com pilões e polidores fixos na rocha granítica. A distinção que estabelecemos para essas concavidades polidas teve como parâmetro a profundidade dos sulcos ou concavidades/depressões<sup>1</sup>. Consideramos que os pilões tem maior profundidade, pois implica em se ter um espaço polido suficiente para reter vegetais, grãos, sementes e outras substâncias que possam ser acomodadas na concavidade/depressão, enquanto se realiza o ato de pilar ou macerar. Diante destas condições, os pilões fixos, tais como os pilões móveis são intencionalmente preparados para desempenhar funções de processamento de vegetais. Os polidores estão relacionados com a fabricação de artefatos polidos. André Prous considera a não intencionalidade na elaboração dos polidores, ocorrendo assim, o aproveitamento de rochas destacando o seguinte tratamento de polimento, a saber: “nos afloramentos localizados perto da água, os homens esfregavam as pedras que desejavam polir, provocando a formação de amplas depressões rasas e bem polidas” (PROUS, 2019, p. 103).

Em termos de correspondência sígnica entre os pilões móveis (Figura 3) da coleção do Museu Tertuliano de Melo e os pilões fixos (Figura 4), localizados durante trabalhos de campo na Serra Azul, estávamos diante do primeiro nível de significação ativa, a saber, a ostentação, que ocorre quando um objeto é selecionado e mostrado como parte da classe de objetos do qual é membro (ECO, 2005). Nesse sentido, os pilões concebidos na paisagem mantinham correspondência com a cultura material do acervo museológico numa interação em que a “forma de conceber”, ou numa linguagem técnica, a confecção de superfície polida em forma côncava, apontava para expressões dos modos da interatividade quando das práticas sócio-culturais no ambiente das populações pretéritas que habitaram a Serra Azul.



**Figura 3:** Pilão móvel da coleção do Museu Tertuliano de Melo

---

1 Nessa fase de estudo, estabelecemos apenas duas categorias de entrada para a diferenciação dos pilões e dos polidores fixos, conforme mencionado. De acordo com a continuidade das pesquisas iremos adotar outras categorias de documentação e análise, com o intuito de dimensionarmos os tratamentos de polimento segundo marcas de atrito, zona de realização e outras que possam esclarecer a ação técnica.



**Figura 4:** Pilões fixos localizados na Serra Azul

Foram localizados 17 afloramentos, onde em 11 deles constam pilões fixos e em outros 6 foram realizados polidores. Alguns dos pilões possuem até 3 concavidades e estão distribuídos num raio de até 6,3 km distante do Museu Tertuliano de Melo. Essa distribuição implicou em mobilidade dos autores destes registros no passado num lugar na paisagem, e desse modo, o conceito de lugar aqui aspira a um maior esclarecimento na medida em que o movimento delineia os lugares, na projeção de ideias e emoções, onde se pode ter a referência de um lugar no espaço (KNAPP; ASHMORE, 1999; INGOLD, 2011). Os deslocamentos recentes dos sertanejos ficam delimitados pelas veredas ou caminhos estreitos que recortam a paisagem. São verdadeiros traçados na superfície terrestre que norteiam por onde transitar. Muitos dos pilões fixos foram acessados por meio das veredas que, por sua vez, também conduziam os deslocamentos que imprimem mobilidade entre os habitantes contemporâneos. A Figura 5, onde estão georreferenciados os pilões fixos e os polidores, também tem assinaladas algumas residências contemporâneas, nascentes e um sítio de gravura rupestre que constituem o mosaico de registros pretéritos e os contemporâneos na Serra Azul. Deste modo, a mobilidade própria da constituição do lugar, permeia o passado e o presente.

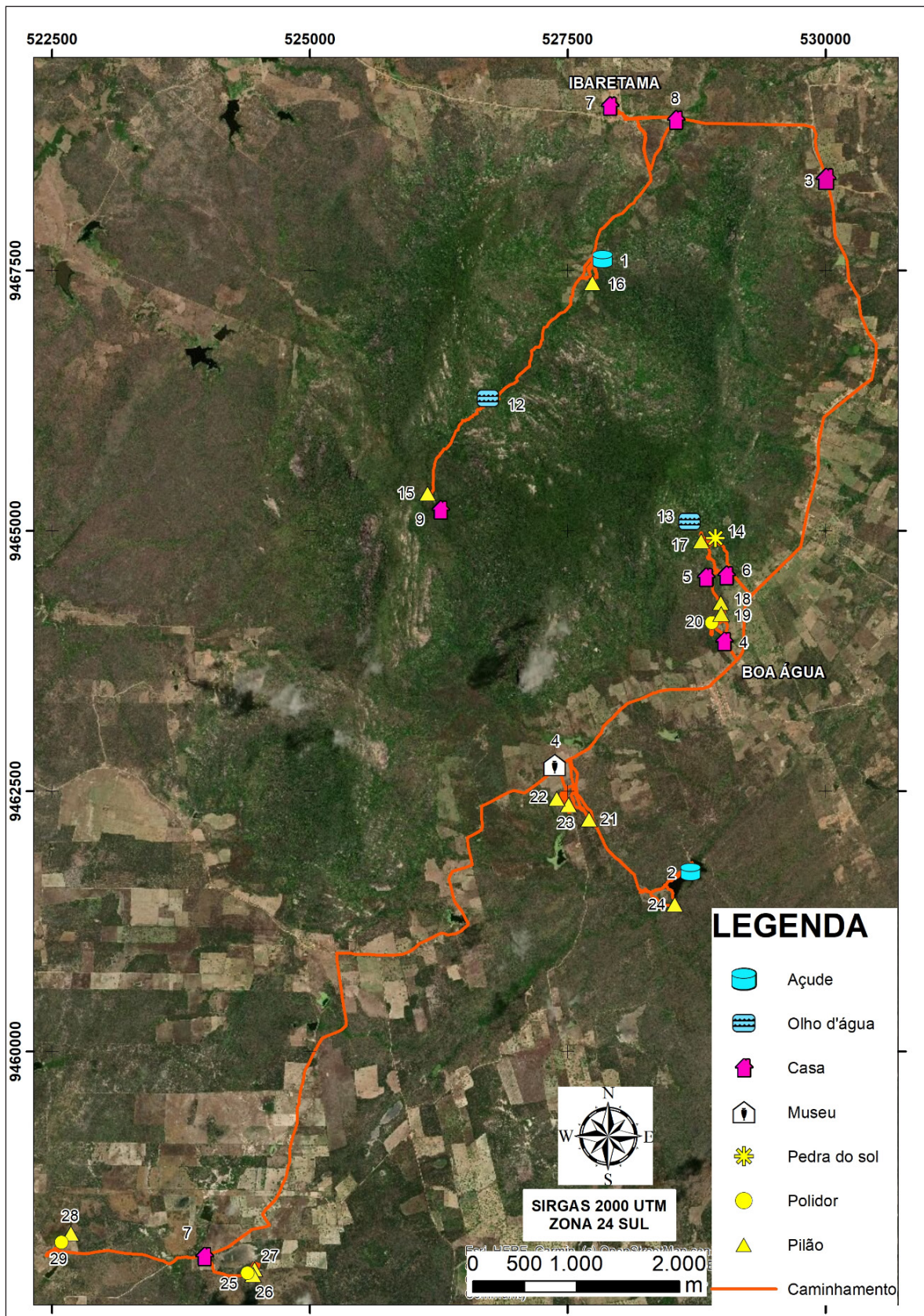


Figura 5: Estrada, veredas de acesso e principais registros pretéritos e contemporâneos no contexto da serra Azul, incluindo o Museu Tertuliano de Melo e a Pedra do Sol

## SÍTIO PEDRA DO SOL: GRAVURA RUPESTRE E A DEMARCAÇÃO TEMPORAL

O termo arte rupestre - em que rupestre quer dizer rocha - significa, portanto, arte na rocha e, geralmente, está relacionado a produção de gravuras, em baixo relevo, realizado por pessoas que viveram em períodos pré-históricos; no caso de nações, a exemplo do Brasil, de povos que passaram por processo de colonização e são situadas como pré-coloniais. No entanto, em períodos históricos, há registros de gravuras na rocha. Ocorre que, gravuras rupestres também foram realizadas em período histórico. No sítio Pedra Pintada, em San Juan, na Argentina, há um bloco que abriga um conjunto de gravuras de marcas de gado, que cronologicamente está situada no final do século XIX e início do século XX. Essas gravuras foram realizadas pelos vaqueiros que conduziam o gado (PODESTÁ *et al*, 2005).

Ainda no domínio tecnológico do polimento, próximo a pilões fixos compostos por três concavidades, há um afloramento granítico com uma gravura rupestre. Conforme dito, a técnica de realização da gravura se deu com o polimento profundo, especialmente no grafismo alusivo à semicircularidade que referencia e de onde partem as linhas radiais. O que pode ser interpretado como linhas dos raios solares apresenta um componente gráfico que sugere o aproveitamento de fissuras da própria rocha, e que foram complementadas com o polimento (Figura 6).

Esse componente gráfico é alusivo à representação do sol, segundo o reconhecimento sógnico adotado pela população local contemporânea, que denominou este sítio por Pedra do Sol. Umberto Eco disserta sobre o signo gráfico referente ao sol do seguinte modo:

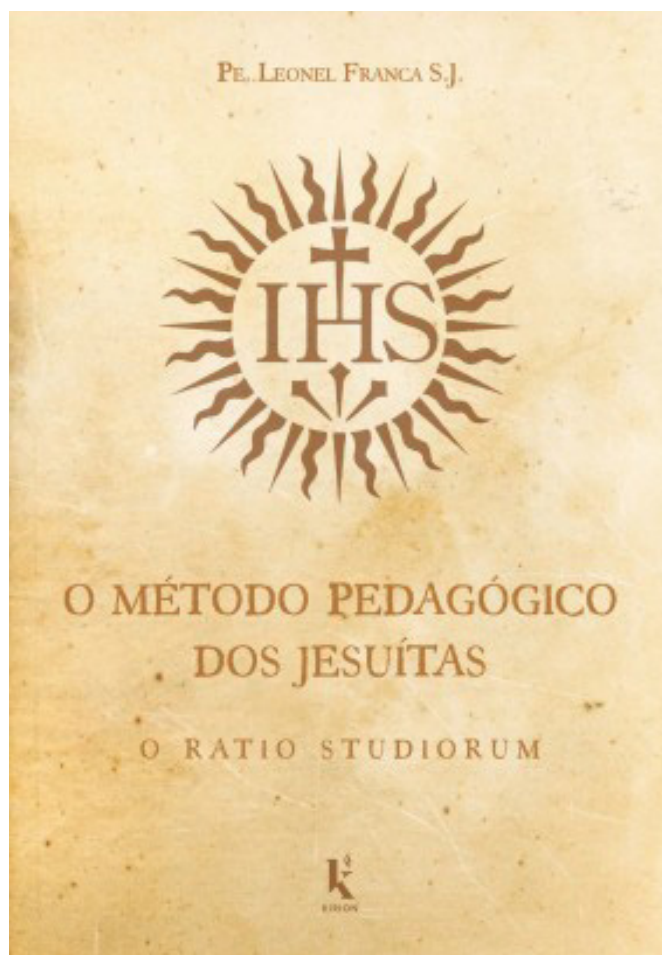
a representação esquemática do sol constituída por um círculo de onde partem algumas retas em simetria irradiada poderá fazer-nos pensar que o desenho reproduz *verdadeiramente* a estrutura, o sistema de relações que se interpõem entre o sol e os raios de luz que saem dele (ECO, 2007, p. 106).



Figura 6: Gravura rupestre no sítio Pedra do Sol



No entanto, segundo o autor supramencionado não existe nenhuma representação gráfica que possibilite reproduzir o sol segundo uma hipótese quântica ou ondulatória da luz, na perspectiva de um desenho contemporâneo. Portanto, a expressão gráfica do sol é um desenho convencional, onde um signo icônico passa a reproduzir as propriedades de outra representação, que também é esquemática (ECO, 2007). Isso é válido para a concepção gráfica do sol no período pré-colonial e ainda para a hipótese desse signo gráfico icônico ser alusivo a uma representação de outro desenho esquemático, a saber, o selo da Companhia de Jesus, constituída por jesuítas responsáveis pela catequização de populações indígenas (Figura 7). Essa hipótese se ergue junto a relatos de aldeamentos de índios na circunvizinhança do município de Ibaretama.



**Figura 7:** Selo da Companhia de Jesus / capa de livro.

Fonte: FRANCA, L. E. da S. 1952. O Método Pedagógico dos Jesuítas: o “Ratio Studiorum”. Editora Kirion. Campinas.

Há requerimento de aldeamento no município de Quixadá, que faz fronteira com o município de Ibaretama, de autoria dos indígenas, conforme relata Bezerra:

Os Tapuia Canindés, em 1731, requereram ao Governador de Pernambuco, Duarte Sodré Pereira, alegando que havia mais de vinte anos viviam no grêmio da igreja sem missionário, e por isso lhe pediam um missionário para se aldearem nas cabeceiras do Choró, onde moravam os holandeses, paragem a que chamam Muxió [...] que fica entre as ilhargas da margem esquerda do antigo riacho Queiru, pelo tempo adeante Sitiay, depois Sitiá, e a margem direita do Camará, afluente à esquerda deste, no município de Quixadá” (1918, p. 140).

A etno-história, do ponto de vista disciplinar acadêmico, conforme foi debatida na Conferência de Columbus, em 1953, enfatizou que essa disciplina implicava o envolvimento de outras

duas disciplinas acadêmicas, a saber, a Etnologia e a História. Se ressalta que os dados produzidos nestas duas disciplinas não eram resultantes do empenho acadêmico dos “nativos”, os não índios produziam dados desde lugares ocupados em universidades, museus e instituições (MOTA, 2014). Os relatos acerca do aldeamento dos Tapuia Canindés foram decorrentes do registro de pessoas vinculadas à instituição eclesiástica e ao Governo de Pernambuco. Ainda neste sentido, de aldeamentos nas proximidades do município de Ibaretama, onde se localiza a Pedra do Sol, tem-se o aldeamento da Palma, situada no município de Quixadá, sob a responsabilidade de jesuítas, missionários da Companhia de Jesus, que segundo consta, havia a imagem de uma santa que fora trazida de Quixeramobim, município também localizado no Sertão Central do Ceará, no mesmo domínio geográfico na circunvizinhança do município de Ibaretama.

Essa Aldeia, [...] residiu depois no saco da serra da Palma, ao sul da bacia do açude do Cedro, no Quixadá, onde ainda existem ruínas da capelinha, e próximo fica o serrote ou serra do Padre. Dali veio para a serra do Baturité, sob a mesma denominação de Nossa Senhora da Palma (BEZERRA, 1918, p. 142).

Conforme se pode observar, a Pedra do Sol apresenta uma unicidade esquemática de representatividade do sol tal qual o selo da Companhia de Jesus, segundo as imagens 6 e 7 acima, respectivamente. Vale ressaltar ainda, que as linhas radiais sinuosas que partem do semicírculo também se apresentam nas duas expressões gráficas. É provável que algumas localidades no sertão do Estado do Ceará não tenham sido oficialmente consideradas missões, ou mesmo aldeamentos indígenas. No entanto, pode ter havido a presença de missionários que tenham exercido alguma influência nos ofícios que eram transmitidos para os indígenas. Serafim Leite faz menção aos ofícios ensinados aos indígenas, tais como: pedreiros, ferreiros, carpinteiros, escultores, entalhadores, torneiros, alfaiates, tecelões, pintores e douradores. Enfatiza ainda, que muitos dos índios após adquirirem esses conhecimentos eram requisitados pelos governadores para lhes prestar serviços e isto, de certo modo, desorganizava as aldeias (LEITE, 1953[2008]). Esse contexto sócio-cultural da aprendizagem de ofícios e de seus empregos se constituem apenas como elementos para situar a expressão gráfica da Pedra do Sol em uma manifestação histórica, de contato com os colonizadores, tendo em vista que a singularidade estética a diferencia de outras expressões gráficas, pré-coloniais, gravadas, tais como os sítios arqueológicos: Pedra do Letreiro, Letreiro do Canhotinho e Poço da Serra, localizados também no Sertão Central do Ceará (MARQUES, 2009). Vale ressaltar que essa hipótese, no marco da cronologia, ainda precisa ser mais bem contextualizada segundo essa demarcação histórica.

A gravura da Pedra do Sol, em sua totalidade, possui 2 m de comprimento e 1,75 de largura. A confecção do grafismo se deu a partir de 1,42 m em relação ao solo atual. O semicírculo no centro da gravura mede cerca de 1,20 m de uma extremidade a outra, e ainda, os grafismos se estendem em 7 linhas radiais, medindo, no sentido anti-horário, sucessivamente, 59 cm, 40 cm, 56 cm, 35 cm, 47 cm, 37 cm e 25 cm. A percepção do painel e da figura do sol, denominada pela população contemporânea do entorno, dos povoados de Coité e Pedra e Cal, se faz com a inclinação da cabeça para cima, ou seja, com a mesma postura quando se busca ver o astro sol, e, deste modo, o grafismo se encontra acima da altura de uma pessoa. Em termos de perspectiva paisagística, que compreende o afloramento rochoso, assim como o sol (astro), a representação do mesmo na rocha se encontra acima da cabeça humana. Segundo algumas das condições de estratégias de visibilidade, o painel da Pedra do Sol pode ser considerado um monumento, sendo este entendido e constituído por sua visibilidade espacial, por ter sido criado enquanto produto da imaginação, pelo painel ter a condição de um elemento natural e ainda, pela durabilidade que assegura que a visibilidade se projete no tempo (BOADO, 1998).

## CONCLUSÃO EM CURSO

No contexto paisagístico da Serra Azul, as práticas sociais, que implicaram em modificação da paisagem no tempo pretérito, podem estar demarcadas cronologicamente no período pré-colonial ou mesmo de contato, quando do processo de colonização do sertão cearense. O que suscitou essa segunda hipótese temporal se deve a semelhança entre o grafismo do sítio Pedra do Sol com o desenho gráfico



do selo da Companhia de Jesus, uma missão jesuítica que esteve presente em algumas regiões do Ceará (SILVA, 2006), sendo a Missão da Palma a mais próxima da Serra Azul, onde se localiza a Pedra do Sol. Em algumas regiões, mesmo não tendo a presença de uma missão desta ordem instalada, era comum se recorrer a missionários para catequizar e evangelizar populações indígenas.

Na perspectiva de relacionarmos o painel de gravura rupestre Pedra do Sol com o seu entorno, empregamos o conceito de zona (SANTOS & BOADO, 1998) na medida em que se observam padrões de localização de rochas, ou ainda, de elementos que possam vir a ser recorrentes quando da interrelação com o painel. Deste modo, na zona da Serra Azul, até o momento, a Pedra do Sol se constitui como o único sítio de arte rupestre, tendo em seu entorno a recorrência de pilões e polidores fixos. No que diz respeito às práticas culturais de interferência na paisagem, se destaca o plano da técnica quando da elaboração da arte e de elementos funcionais oriundos do polimento. Numa perspectiva interpretativa, a arte rupestre se voltou para a representação da natureza em espaço celeste, enquanto os pilões e polidores fixos estão na ordem das atividades domésticas ou propiciadoras destas, como os artefatos polidos confeccionados nestes locais.

Conforme dito anteriormente, as pesquisas na Serra Azul ainda estão em curso. Atualmente há dois projetos em desenvolvimento, onde um tem por objetivo principal caracterizar os aspectos mineralógico e litológico dos artefatos polidos da coleção do Museu Tertuliano de Melo. Uma das hipóteses principais que norteia a pesquisa é considerar que há um potencial de estudo dos objetos das coleções arqueológicas, mesmo sem informações das áreas de procedência. Se considera que a partir da identificação dos constituintes mineralógicos se possa identificar algumas das áreas fontes de acordo com o uso de cartas geológicas regionais. O outro projeto está voltado para a reconstituição da itinerância do objeto, ou seja, documentar o percurso de chegada ao museu, e especialmente, registrar o local do achado. Diante dessas informações, será mapeado/georreferenciado o acervo de artefatos polidos do museu mencionado acima, tendo como uma das perspectivas recuperarmos sua distribuição na paisagem da zona da Serra Azul.

## Referências

- ASHMORE, W.; KNAPP, A.B. Archaeological landscape: constructed, conceptualized, ideational. In: ASHMORE, W.; KNAPP, A. B (ed.) *Archaeologies of landscape: contemporary perspective*. Oxford: Blackwell Publishers, 1999.
- BEZERRA, A. *Algumas origens do Ceará*. Fortaleza: Typografia Minerava, 1918.
- BRAGA, A. P. G.; MENDONÇA, J. C. G. S. Sequências vulcano-sedimentares de Orós e Jaguaribe - Folha SB.24-Z-A-1 - Região sudeste do Estado do Ceará. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOLOGIA, 33., 1984, Rio de Janeiro. Anais [...]. Rio de Janeiro: SBG, v.5, p. 2512-2526, 1984.
- COSTA, F.G. da.; PALHETA, E. S. de M. (org.) *Geologia e recursos minerais das folhas Quixadá (SB.24-V-B-IV) e Itapiúna (SB.24-X-A-IV). Escala 1:100.000. Programa Geologia do Brasil (PGB)*. Fortaleza: CPRM. 2017. Disponível em: <http://rigeo.cprm.gov.br/xmlui/handle/doc/19029>.
- CRIADO, F. The visibility on the archaeological record and the interpretation of social reality. In: HODDER, I. SHANKS, M.; ALEXANDRI, A.; BUCHLI, V., CARMAN, J.; LAST, J.; LUCAS, G. *Interpreting Archaeology: Finding meaning in the past*. Routledg. London and New York. 1998.
- DESCOLA, P. *Outras naturezas, outras culturas*. São Paulo: Editora 34, 2016.
- ECO, U. *A Estrutura Ausente*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- ECO, U. *Tratado Geral de Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- HOLBRAAD, M.; PEDERSEN, M. A. *The Ontological Turn: an Anthropological Exposition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.
- INGOLD, T. *Being Alive: essays on movement, knowledge and description*. London and New Yor: Routledge, 2011.



- INGOLD, T. *The Perception of the Environment: essays on livelihood, dwelling and skill*. Lond and New York: Routledge, 2000
- INGOLD, T. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, 2012.
- LEITE, Serafim. *Artes e ofícios dos jesuítas no Brasil (1549-1760)*. Lisboa: Edições Brotéria; Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1953.
- LOZNY, L. R. Place, landscape, ecology, and the practice of cultural heritage preservation. *Archaeologia Polona*, v. 38: 23-32, 2000.
- MARQUES, M. Ressonância vocal e memória na cultura material: arqueologia colaborativa e simétrica na Serra Azul, no Estado do Ceará. In: PEDROSA, Tatiana (org.). *Patrimônio, História e Cidades: olhares interdisciplinares*. Rio de Janeiro: Letra Capital, v. 1, p. 87-102, 2019.
- MARQUES, M. *Materiais e saber na arte rupestre*. Fortaleza: Museu do Ceará e Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará. 2009.
- MOTA, L. T. Etno-história: uma metodologia para abordagem transdisciplinar da história de povos indígenas. *Patrimônio e História*, v. 10, n. 2, p. 5-16. São Paulo: UNESP, 2014.
- NOGUEIRA, J. F. *Estrutura, geocronologia e alojamento dos batólitos de Quixadá, Quixeramobim e Senador Pompeu – Ceará Central*. 123p. 2004 Tese (Doutorado) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro – SP, 2004.
- PODESTÁ, M.; ROLANDI, D. S.; PROÃO, M. S. *El Arte Rupestre de Argentina Indígena*. GAC. Buenos Aires, 2005.
- PROUS, A. *Arqueologia brasileira: a pré-história e os verdadeiros colonizadores*. Archaeo. Cuiabá, 2019.
- SANTOS, M.; CRIADO, F. Espacios rupestres: del painel al paisaje. *Separata de Arqueología Espacial*, p. 19-20, Teruel, 1998.
- SILVA, I. B. P. da. *Vilas de índios no Ceará Grande: dinâmicas locais sob o Diretório Pombalino*. São Paulo: Pontes, 2006.
- TYLLEY, C; HAMILTON, S. Nature, Culture, Clitter. In: BRENDER, B; HAMILTON, S.; TILLEY, C. *Stone Worlds: Narrative and Reflexivity in Landscap Archaeology*. London: Left Coast Press, 2007.

